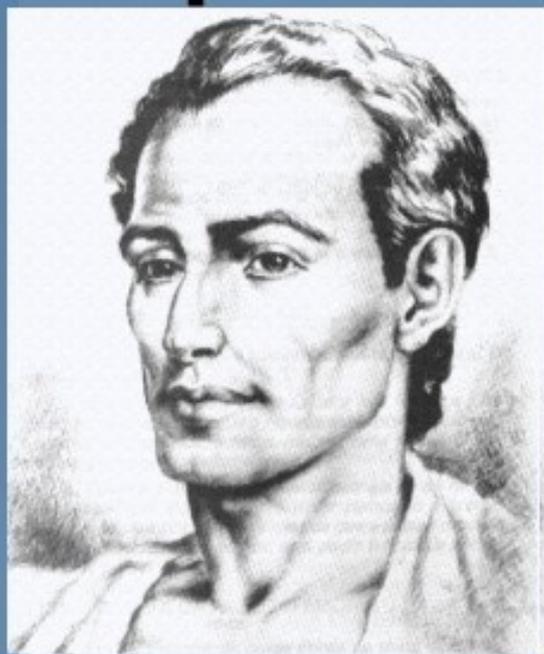


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO LXXXVI – Dominar e falar

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXVI)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicada em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXVI)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo LXXXVI – Dominar e falar	O Consolador	04
Complementos		
Nos momentos graves	O Consolador	06
Conviver com os diferentes é moleza	O Consolador	07
Celibato e castidade	O Consolador	09

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXVI)

Dominar e falar **Reunião pública 04 / 12 / 1959** Questão 904

Dominas o fogo, escravizando-o à lide caseira.

Burilas a pedra, arrancando-lhe obras-primas.

Conquistas os metais, neles plasmando complicadas expressões de serviço.

Amansas os animais ferozes, deles fazendo cooperadores na economia doméstica.

Disciplinas o vapor e o combustível, anulando as distâncias.

Diriges tratores pesados, transfigurando a face da gleba.

Submetes a eletricidade, e glorificas a civilização.

Retiras o veneno de serpentes temíveis, fabricando remédios.

Senhoreias a energia nuclear e comesças a alterar, com ela, a fisionomia do mundo.

Controlas a velocidade, e inicias vigorosa excursão, para além do Planeta.

*

Entretanto, ai de nós! Todos trazemos leve músculo selvagem, muito distante da educação.

Com ele, forjamos guerras.

Libertamos instintos inferiores.

Destruímos lares.

Empestamos vidas alheias.

Envilecemos o caminho dos outros.

Corrompemos o próximo.

Revolvemos o lixo moral da Terra.

Veiculamos o pessimismo.

Criamos infinitos problemas.

Injuriamos.

Criticamos.

Caluniamos.

Deprimimos.

*

Esse órgão minúsculo é a língua — lâmina pequenina, embainhada na boca.

Instrumento sublime, feito para louvar e instruir, ajudar e incentivar o bem, quantas vezes nos valem dela para censurar e vergastar, perturbar e ferir!...

Governemo-la, pois, transformando-a em leme de paz e amor, no barco de nossas vidas!

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXVI)

E, alicerçados nas lições do Evangelho, roguemos a Deus nos inspire sempre a dizer isso ou aquilo como o próprio Jesus desejaria ter dito.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXVI)

Nos momentos graves

Use calma. A vida pode ser um bom estado de luta, mas o estado de guerra nunca uma vida boa.

Não delibere apressadamente. As circunstâncias, filhas dos Desígnios Superiores, modificam-nos a experiência, de minuto a minuto.

Evite lágrimas inoportunas. O pranto pode complicar os enigmas ao invés, de resolvê-los.

Se você errou desastrosamente, não se precipite no desespero. O reerguimento é a melhor medida para aquele que cai.

Tenha paciência. Se você não chega, a dominar-se, debalde buscará o entendimento de quem não o compreende ainda.

Se a questão é excessivamente complexa, espere mais um dia ou mais uma semana, a fim de solucioná-la. O tempo não passa em vão.

A pretexto de defender alguém, não penetre o círculo barulhento. Há pessoas que fazem muito ruído por simples questão de gosto.

Seja comedido nas resoluções e atitudes. Nos instantes graves, nossa realidade espiritual é mais visível.

Em qualquer apreciação, alusiva a segundas e terceiras pessoas, tenha cuidado. Em outras ocasiões, outras pessoas serão chamadas a fim de se referirem a você.

Em hora alguma proclame seus méritos individuais, porque qualquer qualidade excelente é muito problemática no quadro de nossas aquisições. Lembre-se de que a virtude não é uma voz que fala, e, sim, um poder que irradia.

Correio Mediúnico, Nos momentos graves, (André Luiz)

– O Consolador – Nº 24 – 28/09/2007, (Chico Xavier)

André Luiz, Livro: Agenda Cristã, (cap. 10), Nos momentos graves, (Chico Xavier)

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXVI)

Conviver com os diferentes é moleza...

Vivemos em uma época em que a aceitação pelo diferente é muito difundida. Campanhas contra o preconceito ganham espaço e com justiça tenta-se estabelecer a relação de igualdade entre os seres humanos.

Se fizermos uma viagem que nem precisa ser muito longa, mas que nos desembarca no século XIX, constataremos como as coisas no quesito igualdade avançaram.

Poderia ficar aqui horas falando sobre a ditadura masculina, por exemplo, mas citarei apenas um caso.

A mulher naquela época, século XIX, tinha de ser virgem, caso contrário era devolvida à família como uma mercadoria.

Para constatar a virgindade olhava-se o lençol da noite nupcial, caso manchado de sangue, tudo tranquilo e favorável; caso o sangue não viesse, bem provável a moça não ser mais virgem e, portanto, desonrada, logo seria devolvida à família.

As mães preocupadas com o destino das filhas usavam esperta artimanha: faziam bexiga com tripa de boi, bem fina, enchiam com sangue de pombo e introduziam na vagina da moça. Quando o rapaz iniciasse o ato sexual a bexiga naturalmente estouraria e o sangue daria seu recado: ELA É VIRGEM!

Pronto, tudo resolvido, e o rapaz, orgulhoso, poderia mostrar a marca de sangue de sua agora esposa a dizer que ele havia sido, realmente, o primeiro homem.

Santa bobagem!

Mas essa prosa foi apenas para mostrar o quanto éramos intransigentes e ignorantes a levar uma vida repleta de preconceitos.

Engraçado que no mesmo século XIX o Espiritismo mostrava que homens e mulheres são seres em evolução, e que o fato de estar homem ou mulher em nada aumentava ou diminuía os direitos e deveres, sendo, pois, igual para ambos.

Demorou um pouco para que se começasse a assimilar, mesmo que timidamente, essa ideia de igualdade entre as partes.

No início tudo dói, dói muito mudar, mas depois a gente acostuma. Percebe que não tem jeito, que a evolução é inexorável e não resta saída a não ser a de aceitar que o diferente também ocupe o seu espaço.

Pois bem, como dizia antes, o diferente neste início de século XXI vem ganhando algum destaque. Mas não é bem do diferente que quero falar, porque com o diferente é até moleza lidar.

– Como assim???? – Você indagará.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXVI)

– Sim, é isso mesmo, moleza lidar com o diferente. O problema é compreender o semelhante.

Os grandes entraves ocorrem não com os diferentes, mas, sim, com os semelhantes, os que agem de forma semelhante.

Por que brigas acontecem?

Porque ninguém sabe ceder, um fala alto, o outro mais alto ainda, o primeiro revida e por aí vai...

São iguais, ou melhor, semelhantes, embora com pontos de vista contrários, opostos; são iguais nas atitudes de incompreensão.

E, iguais na falta de educação, vão, não raro, às vias de fato. Por isso que muitas amizades se desfazem, muitas relações vão a pique, muitos amores naufragam...

É que as pessoas são iguais, agem apaixonadamente para defender seu ponto de vista e, claro, local onde a paixão excede, a coisa não fica boa...

Dizem os Espíritos que a paixão deve ser dominada, pois, se nos deixarmos dominar por ela, causaremos prejuízos a nós e aos outros.

Por isso que eu disse ser moleza entender e conviver com o diferente, por conta da paixão que deixamos nos dominar.

Dois apaixonados não se beijam... Ops... dois bicudos não se beijam, não é mesmo?

Então... por isso que estar com o diferente é mais tranquilo do que com o semelhante...

Enquanto ele está calmo, você fica nervoso...

Quando ele se aborrece, você entende...

No dia em que ele quer falar, você está disposto a ouvir, e vice-versa...

O problema de nosso mundo não são os diferentes, mas os iguais, os semelhantes, os que se equivalem...

Por isso que quando encontro alguém que é meu oposto suspiro aliviado! Ah, que bom, ele não é igual a mim...

Entretanto, o progresso é lei da vida, dia chegará em que com os semelhantes ou não semelhantes usaremos sempre a educação e o respeito.

Pensemos nisto.

Wellington Balbo, Conviver com os diferentes é moleza,

– O Consolador – Nº 471 – 26/06/2016

Celibato e castidade

É possível seguir Jesus, evidentemente nos limites que o nosso estágio evolutivo atual permite, não sendo celibatário? Perfeitamente, por que não? Kardec, por exemplo, era casado. E muito bem-casado com Amélie Boudet, o que não o impediu, mas, muito pelo contrário, o sustentou na luta pela codificação e divulgação da Doutrina Espírita, revivendo o Cristianismo na sua pureza doutrinária. Portanto, ele seguiu Jesus sem ser celibatário.

Mudemos o enfoque. É possível seguir Jesus não sendo casto, considerando, da mesma forma, os limites que nossa evolução atual nos enseja? Não. Não é possível. E não é possível porque castidade, ao contrário do que muitos pensam, não se refere simplesmente à ausência de relacionamento sexual, mas sim de uma pureza interior que vai muito além da abstinência de sexo. Por essa pureza interior passa o bom emprego do sexo, onde um não transforma o outro no objeto de satisfação de seus instintos, mas onde uma pessoa se completa e completa a outra dentro de um clima de bem-querer onde só é possível ser feliz mergulhado na felicidade que emana do outro, e cujo autor somos cada um de nós.

Jesus, muito além de celibatário, era casto. Sua pureza moral não pode ser seguida com uma simples ausência da atividade sexual que muitas vezes leva o indivíduo ao desequilíbrio emocional, a exemplo de uma gigantesca represa que, quanto mais é contida, mais corre o risco de se romper na pedofilia, no estupro e tantos outros crimes que o sexo reprimido e desequilibrado enseja.

Chico Xavier e Divaldo Franco, para tomarmos exemplos dentro da Doutrina Espírita, optaram pelo celibato, face aos inúmeros compromissos que trouxeram junto à família espiritual de nosso planeta. Só que não ficaram apenas no celibato. Viveu o primeiro e vive o segundo também a castidade que a evolução alcançada pelos dois permite.

Albert Schweitzer era casado e casto. E exatamente por ser casto foi capaz de se entregar a tratar de leprosos no continente africano; a não pisar sobre uma simples flor silvestre por respeitar-lhe a existência e o direito à vida; a amar profundamente aos animais por entendê-los como criaturas de Deus e com o direito a viver, enquanto presenciamos motoristas insensíveis direcionando o veículo que dirigem, de forma irresponsável, para cima de uma pomba que busca o seu alimento numa via pública ou em direção a um cachorro abandonado de rua pelo simples prazer de tirar uma vida! Dia desses presenciei um motorista em alta velocidade na área urbana gritando com um cachorro que quase foi atropelado impiedosamente ao atravessar de um lado para o outro daquela via, como se o animal tivesse consciência de que atravessava uma rua. Poderia muito bem ter feito o mesmo com uma criança ou com um idoso com dificuldades de locomoção. Esse último não tem a castidade para seguir Jesus, por enquanto.

Martin Luther King Jr. era casado e casto para seguir Jesus a ponto de entregar a sua própria vida defendendo os direitos de nossos irmãos de cor de pele diferente da branca, como se esse tecido superficial que reveste nosso corpo não estivesse destinado à morte como todos os outros, mais dia, menos dia! Ele teve a castidade suficiente para seguir Jesus.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXVI)

É impossível falar sobre celibato ou castidade sem que o tema sexo nos venha à mente. O que será que a Doutrina Espírita pode nos orientar a respeito? Vejamos as lições de Emmanuel contida no livro O Consolador, questão 184: Não devemos esquecer que o amor sexual deve ser entendido como o impulso da vida que conduz o homem às grandes realizações do amor divino, através da progressividade de sua espiritualização no devotamento e nos sacrifícios.

Haveis de observar que Deus não extermina as paixões dos homens, mas fá-las evoluir, convertendo-as pela dor em sagrados patrimônios da alma, competindo às criaturas dominar o coração, guiar os impulsos, orientar as tendências, na evolução sublime dos seus sentimentos.

Examinando-se, ainda, o elevado coeficiente de viciação do amor sexual, que os homens criaram para os seus destinos, somos obrigados a ponderar que, se muitos contraem débitos penosos, entre os excessos da fortuna, da inteligência e do poder, outros o fazem pelo sexo, abusando de um dos mais sagrados pontos de referência de sua vida.

Depreende-se, pois, que, ao invés da educação sexual pela satisfação dos instintos, é imprescindível que os homens eduquem sua alma para a compreensão sagrada do sexo.

Quando tivermos conseguido essa compreensão sagrada, o celibato será uma condição absolutamente dispensável em todo aquele que decidir seguir Jesus, pois que terá se iniciado no estado da castidade indispensável para segui-Lo.

Ricardo Orestes Forni, Celibato e castidade, O Consolador – Nº 473 – 10/07/2016